

MÁRIO de ANDRADE

aspectos da
literatura brasileira

5.^a edição

Andrade, Mário de, 1893-1945

A568a

Aspectos da literatura brasileira. 5. ed.
São Paulo, Martins, 1974.
X, 268 p.

I. Literatura brasileira -- História e crítica
I. Brasil.
II. Título.

CCF/CBL/SP-72-0338

CDD: 869.909

CDU: 869.0(81)-95

Índices para catálogo sistemático (CDD):

1. Literatura brasileira : Crítica e história 869.909
2. Literatura brasileira : História e crítica 869.909



LIVRARIA MARTINS EDITORA S.A.

AMOR E MEDO

Entre os cacoêtes históricos que organizaram o destino do homem romântico, um dos mais curiosos foi o de morrer na mocidade. Morria-se jovem porque isso era triste, e sobretudo lamentável. Mais lamentável que penoso...

A imagem do rapaz morto está entre as pouco humanamente penosas, e é sempre a mais imensamente lamentável. Homem que não se completa, paisagem vazia em que a imaginação tem espaço pra voar — grande assunto para invocações, para discursos pipocantes de "ohs!", Oh morte! etc. Secreta ou confessadamente o homem romântico se inclinava a morrer moço. E quantos, mas quantos não terão morrido apenas vítimas desse pressentimento, nem vale a pena imaginar!... Entre os maiores poetas do nosso Romantismo tal pressentimento foi de praxe. E a morte em plena juventude também.

Estas minhas afirmativas, sei que são um bocado cinicas, porém não são primárias, nem pretendo com elas dar a explicação do Romantismo. O que me parece incontestável é que, assim como existe pandemia de suicídio, de tempo em tempo tomando uma cidade, um país, o mundo: certas outras formas aparentemente naturais de morte, são suicídios também. Suicídios camuflados com que o homem, si não consegue burlar o juízo dos seus deuses, burla pelo menos a sua própria boa-intenção. Suicida-se o mais bem intencionadamente possível, certo de que a morte veio naturalíssima, com a mesma fatalidade com que o ar move os seus ventos.

Os nossos poetas românticos foram muito vítimas dessa imagem do rapaz morto. Não só a cantaram às vèzes, especialmente Alvares de Azevedo, como viram suas vidas encurtadas, alguns colhidos mesmo numa ainda rapazice irritantemente inacabada. É o caso ainda especialmente de Alvares de Azevedo. E tendo morrido moços, no geral poetaram como moços,

muito embora finjam às vezes formidável experiência da vida. Como ainda especialmente é o caso do nosso Macario. Assim, é agradável a gente buscar na poesia deles os temas preferidos da mocidade, e entre estes escolho, pela sua importância, o do medo do amor.

Não tem dúvida nenhuma que um dos mais terríveis fantasmas que perseguem o rapaz é o medo do amor, principalmente entendido como realização sexual. Causa de noites de insônia, de misticismos ferozes que depois de vencidos se substituem por irreligiosidades igualmente ferozes e falsas; causa de fugas, de idealizações inócuas, de vícios, de prolongamentos de infantilismo, de neurastenia, o medo do amor toma variadíssimos aspectos. No geral poucos o denunciam claro, guardam-o no segredo de si mesmos, porque o mundo caçoa disso, converte o medo do amor numa inferioridade fisiológica risível. Mas na verdade as suas causas ora são puramente históricas, provenientes de educação, de convívios; ora são temperamentais, provenientes da nossa psicologia, da nossa fisiologia, da nossa sensibilidade e suas delicadezas e respeitos.

Nos românticos brasileiros, que foram preciosamente deramados, esse medo do amor aparece ricamente.

Antes de mais nada, lembremos o poema de Casimiro de Abreu, *Amor e Medo*.

Dizem as primeiras estrofes:

Quando eu te fujo e me desvio cauto.
Da luz de fogo que te cerca, *oh! bela,*
Contigo dizes, suspirando amores:
— "Meu Deus! que gôlo! que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E si te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu medol...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio, ou vozes,
Das fôlhas sêcas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

Embora Casimiro de Abreu tenha inventado o título mais apropriado ao nosso tema, o sentido dêste *Amor e Medo* logo se desvia e fixa noutro assunto. O poeta, em vez de ter medo do amor, tem medo mas é de macular a virgem:

Ai! si abrasado crepitaase o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra dele tão feliz creacia?

E aqui entra a primeira grande lateralidade em que a timidez de amar, se fixa nos românticos: o respeito à mulher. Parece até comico se denunciar respeito á mulher, na taverna em que os nossos românticos hospedaram os Heine, Musset e Byron, que tinham no coração, porém a própria maneira desabusada com que Alvares de Azevedo às vezes trata a mulher, ou a cretina safadeza das minúsculas libertinagens de Casimiro de Abreu, são provavelmente procuras de libertação, consciências e por isso exageradas, daquele respeito. Nos versos, a mulher vira *anjo, virgem, oriança, visão*, denominações que a excluem da sua plenitude feminina (1). Ao passo que perseveram bem mulheres as Anardas, através dos designativos *Pastora, Venus, Amor*, etc., da pastoreagem árcaica.

Varela, num passo do *Evangelho nas Selvas* (IV, 11), funde as virgens e as crianças, pra chamar-lhes "aves de Deus":

Aves de Deus, as virgens e as crianças
Adormecem risonhas, ocultando
Nas asas da inocência as frentes santas.

Mas apesar do emprêgo muito de "criança" para designar a mulher, sente-se ela por assim dizer mais fisicamente, mais objetivamente em muitos poemas de Varela. Não esqueçamos que êle casou duas vezes... A mulher é tratada com uma certa franqueza macha, que foi o tom com que ela se sensualizou no texto das modinhas, quando estas passaram da espineta dos salões pro violão das esquinas.

Gonçalves Dias tem um soneto de mocidade em que o des-temor de amar está deliciosamente expressado:

(1) "Contudo, Luis, não sinto que eu ame nenhuma delas. A N. pareceu-me um anjo num momento de fascinação. A Q. parece uma santa; e não poderia eu sentir amor por ela: ás santas adora-se, mas não se ama".
— (Carta de Alvares de Azevedo a Luis Antonio da Silva Nunes, em 1848).

(Maria Imaculada Pammella 800706-151)

Pensas tu, bela Anarda, que os poetas
Vivem de ar, de perfumes, de ambrosia,
Que vagando por mares de harmonia
São melhores que as próprias borboletas?

Não creias que eles sejam tão patetas,
Isso é bom, muito bom, mas em poesia,
São contos com que a velha e sono cria
no menino que engorda a comer pãezas.

Talvez mesmo que algum desses brejeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos heróis mais verdadeiros.

Eu, que sou pecador — que indiferente
Não me julgo ao que toca aos meus parceiros,
Julgo um beijo sem fim coisa excelente.

Mas o cômico nesse poema é decidir si ele prova destemor real, ou justamente amor e medo. Me inclino pelo segundo juízo, e me parece que Gonçalves Dias ao caçoar da literatice dos poetas é que está fazendo literatice, libertando-se duma preocupação por meio duma comicidade que não era própria dele, garganteando o que não sentia. Ele seria mais tarde, já bem vivido, dos poetas que mais sentiram o prestígio romântico da mulher, e entre nós o que deu uma das expressões mais comoventes do amor e medo, com o *Ainda uma vez, adeus!*

Quanto a Alvares de Azevedo, sofreu como nenhum, apavoradamente, o prestígio romântico da mulher. Pra ele a mulher é uma criação absolutamente sublime, divina e... incon-sutil. O amor sexual lhe repugnava, e pelas obras que deixou é difícil reconhecer que tivesse experiência dele. Raríssimas passagens, uma no romance inédito *O Livro de Fra Gondicario*, aquela nitida expressão de Solfieri (*Obras*, Garnier, 7.^a ed., vol. III, p. 339), e poucas mais, escapam da falta de objetividade das suas frases sobre o amor. De resto, mesmo estas poderiam ser explicadas por experiência de leitura, ou solitária, ou pura intuição de artista. Na verdade, além da vagueza com que o rapaz trata do amor, a própria desarrazoada, irritada repugnância com que julga a parte sexual do amor, parece determinar-nôle, si não mais, pelo menos uma inexperiência enorme (1).

(1) É mesmo de espantar a insensibilidade, a indiferença sexual com que ele trata a mulher nas suas cartas de São Paulo. "Enquanto aos

meus pares, idem, pois resolvi-me a dançar aqui com pares certos, dos quais não preciso, e em desdouro meu ou de São Paulo, seja dito que não são da terra — são Xavieres — Olimpia — e Milliets que são todas Santistas. Enquanto a gente daqui só uma vez na vida danço com as Brigadeiras (Pinto) ou com a filha do Pacheco que vai aos bailes de calças..."; "Segunda-feira fui a um baile dado pelo Sr. Souza Queiroz. Todas as salas estavam com lustre, o ar embalsamado de mil cheiros, tanto de flores como de essências, mas contudo, São Paulo nunca será como o Rio. Ali estavam o que chamam por cá moças bonitas, haviam com vestidos de veludo a Presidenta e a Viscondessa de Montalegre. Haviam além destes, vestidos de setim sem ter escomilha por cima, haviam de chita e cassa com listas de seda, de chalim, etc."; "Agora que vieram as luvas é que me acharão pouco disposto para bailes, tanto que, não pretendia ir tão cedo a bailes em São Paulo. A razão é muito simples. A terra de São Paulo, tirando-se quatro ou cinco famílias, pôde chover-lhes o dilúvio da grandiosidade injusta — só com essas famílias danço eu. Pela morte de dona Joana 3 — a saber, do Claudio, os Xavier e os Milliets não irão a bailes tão cedo — e ir a bailes para dançar com estas bestas minhas patricias, que só abrem a boca para dizer asneiras acho que é tolice. Não julgue Vmçê que falo com exageração — a moça senão a mais bonita, a estátua a mais perfeita em tudo uma Belisaria (Mineira) é uma estúpida que diz — Nós não sabe dançar proquê, etc."; "Enquanto ás moças bonitas, as mais bonitas não são daqui, são as Santistas ou as de Minas — e as bonitas que ha daqui, são como as bestas chucras na extensão da palavra"; pra enfim, já em 1851, afirmar definitivamente: "Na mesma lista pôde incluir todas essas moças bonitas cujos nomes por modestia omito, mas que não posso esquecer, no meu panteísmo, (o grifo é meu), á vista da irresistível fealdade das minhas patricias. É singular que numa terra onde o céu é tão bonito, as caras sejam tão pardacentas e as mulheres tão..." nem diz "tão" o quê! Tudo isto é muito curioso, e de certo muito malumoradamente visto. A fama de beleza da mulher paulista era já então proverbial, e tradicional mesmo fóra do Brasil. La Harpó a repetirá na sua *História das Viagens*. São aliás varios os viajantes estranhos que afirmaram essa boniteza. O Dr. Gustavo Beyer, três décadas antes de Alvares de Azevedo, por exemplo; e ainda mais próximo do poeta, Schlichthorst perde as estribeiras entusias-madissimo com a beleza feminina desta provincia. Poucas regiões da Terra, ele afirma, terão direito como São Paulo, a dizer que só possuem moça bonita, "in dieser Provinz findet man nur schoene Frauen; es giebt wohl wenig Gegenden der Welt, wovon man das mit Recht sagen kann". Se pasma sério ante dona Domitila, então ainda Viscondessa de Santos... "sie ist eine wahrhaft schoene Frau, wie der grosste Theil der Paulistinnen es seyen soll", aliás tão bonitas como a maioria das Paulistas... Mas Alvares de Azevedo numa grosseria de pedra, só enxerga "estas chucras" sem perceber que dança de salão não foi feita pra conversar mas pra... E no momento em que se dispõe a descrever as mais bonitas, tem um engano curioso: "Ali estavam o que chamam por cá moças bonitas. Haviam com vestidos de veludos...", femininamente presta mais atenção a setins e escomilhas, que a corpos gostosas da gente apertar na valsa.

Talvez nem mesmo Musset haja expressado com tanta frequência e intensidade, o contraste entre o amor idealizado e a rápida realidade. Todas as mulheres que vêm na obra de Alvares de Azevedo, si não são consanguineamente assexuadas (mãe, irmã), ou são virgens de quinze anos ou prostitutas, isto é, intangíveis ou desprezíveis (2).

Alvares de Azevedo fez tudo em suas obras, pra passar por libertino e farrista. Blazona de conhecedor dos vícios. Mas dentre os vícios escolhe o que não é vício: entre álcool e fumo, tem marcadíssima preferência pelo segundo, como demonstrou Luís da Camara Cascudo pela *Revista Nova* (ano I, n. 3).

Também se arrota manchado por todas as maldades do Mundo. Mas a verdade é que, si pra Macario as mulheres que não têm cabelo na cabeça o têm no coração (III, 259), si "não pôde haver inferno com senhoras" (II, 230), si na estância do *Poema do Frade*, aquele tipo tão puro de Madona era um lago a dormir, "porém sua água azul tinha veneno"; si ainda pra Macario (III, 268), as mulheres paulistanas "são mulheres, isto é, são lascivas": tudo isso são falsificações sistemáticas, inconscientemente, de quem soube achar expressões delicadas mesmo pra designar a mulher prostituida, "vagabunda do amor", "mulher da noite", "anjo da noite", "rainha da noite".

Suas grosserias eram mais um desvio, mais ilusão, mais inverdade, que o transpunham pra fóra de sua existência natural e de si mesmo. Daí o tédio em grande parte, uma fadiga prematura, cujos acentos são as mais das vezes ferientemente sinceros. Spleen, fadiga, não de blasé propriamente, mas de artista dramático que não representava apenas nas noites de espetáculo (as farras em que possivelmente andou com outros estudantes de Paulicéa), porém, que fizera da própria vida que cantou em verso e prosa, e imaginava ser a dele, uma falsificação de teatro.

Em Castro Alves se sente sempre, ou pelo menos mais que nos outros, a mulher. Ele foi de fato um sexual perigoso, duma sexualidade animal bem correta. É exatamente o con-

(2) A respeito da mana Maria Luiza, que Alvares de Azevedo muito amou, de cujo amor fraternal teve experiência, tanto nos versos a ela, como nas cartas, o poeta gravou com intensa objetividade, com admirável violência mesmo, o amor fraternal que sentia. É isso contrasta em prova bõa com a falta de objetividade na descrição dos seus amores sexuais.

trário de Casimiro de Abreu, que irrita pelas perversõesinhas com que recama a sua burguês dulcedão.

Casimiro de Abreu é mestre nesse gênero de poesia graciosa, própria dos assustados familiares, que a gente vive esquecendo que no fundo é bem pouco inocente.

Por exemplo, a ritmicamente deliciosa *Moreninha*, em que o poeta á "meiga" "inocente" "gazela" segue "calado",

Como o passero esfaimado
Vai seguindo a juriti;

e quando ela oferece as flores, engana a "rosa da aldeia" com esta safadeza:

Eu disse então: — Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir!
Mas naquele doce enleio
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Nessas gracinhas êle é mestre, como na *Scena Intima*, em que pede beijos por castigo e no *Juramento*. Mais típica ainda é uma certa constancia de perversão que lhe perborre a obra curta: a do choro da virgem desarmando o "passaro esfaimado". São longes de sadismo, porque de fato o poeta se compraz em vêr a pequena chorando.

Quando no *Lar* êle pede amor, se observe êste detalhe de como quer a amada:

Quero amor! quero vida! um rosto virgem,
Alma de arcanjo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema,
E doure a vida sobre um chão de flores.

Mais típico ainda, si possível, é o *Perdão*:

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as côres da rosa
E o seio todo tremêu?!
Choraste, pomba adorada?!

Choraste?! — De envergonhada,
 No teu pudor ofendida,
 Porque minha alma atrevida
 No seu palacio de fada,
 — No sonhar da fantasia —
 Ardeu em loucos desejos,
 Ousou cobrir-te de beijos
 E quis manchar-te na orgia!

Poesia toda dum carioquismo seresteiro (1) que nem texto de samba praxeano, já é espantoso que a pomba chore pelo que a alma do poeta desejou apenas "no sonhar da fantasia". Pois não é tudo. Se veja como o poeta persegue em seguida, e esmiúça, o arrependimento em que ficou. Isso lhe permite repisar bem o que queria fazer para a coitadinha da pomba...

Perdão p'ro pobre demente
 Culpado, sim — inocente! —
 Que si-te amou foi demais!

Perdão, oh! flor dos amores,
 Si quis manchar-te os verdores,
 Si quis tirar-te do hastil!
 Na voz que a paixão resume
 Tentei sorver-te o perfume...
 E fui covarde e fui vil...

Ele não é só. O poeta inventa ainda o requinte de beber as lágrimas desarmadoras da pomba. Neste mesmo *Perdão*:

Choraste?! — e longe não pude
 Sorverte a lágrima pura
 Que banhoute a formosura!

(1) É só lembrar a recente marchinha carnavalesca — (disco Victor, 33397-B):

Eu quero vêr você chorar!
 Faz uma vontade minha!
 Diz que quando estás chorando
 Ficas mesmo uma gracinha,
 Oh! meu amor,
 Chora, chora, por favor!

No Canto de Amor:

Si rires — rio, si chorares — choro,
 E bebo o pranto que banhar-te a tez.

E guardei para o fim, o poema *Quando tu choras*, em que tudo vem claramente confessado. Os grifos são sempre meus. E se note que a poesia é dirigida a uma virgem e gentil donzela:

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
 Brilha formoso com mais doce encanto,

Oh! nessa idade da paixão lasciva,
 Como o prazer é o chorar preciso,

Depois o Sol, como sultão brilhante,
 De luz inunda o seu gentil serralho,
 E ás flores todas — tão felis amante! —
 Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, si choras, inda és mais formosa,
 Brilha teu rosto com mais doce encanto
 — Serei o Sol e tu serás a rosa...
 Chora, meu anjo, — heberei teu pranto!
 (Chora, chora, por favor!...)...

Em Castro Alves não tem dessas coisas. Sensualidade sadia, marcadamente viril, mesmo nas mais estilizadas metáforas, como no *Gesso e Bronze*. Não será preciso documentar a objetividade com que êle tratou o amor e a mulher. Todos sabem disso. Apenas não me furto a lembrar como não o satisfazia falar em "anjo", "virgem", etc., conforme a constância do tempo. É no *Hino ao Sono*:

Mas quando ao brilho rútilo
 Do dia deslumbrante
 Vires a minha amante
 Que volve para mim,
 Então ergue-me subito...
 É minha aurora linda...
 Meu anjo... mais ainda...
 É minha amante enfim!

Assim, Castro Alves é dentre os grandes românticos, o que mais esgarçadamente poetou de amor e medo. Está claro: também versou o tema nesse sequestro precário e geral, com que o amor e medo se mostra na poesia de todo rapaz que verseja: o tema do "amar sem ser amado". É de fato esta, a maneira mais fácil da gente escapar do medo de amor; e por ela deverá se explicar sessenta por cento das trovas com que os rapazes se queixam da util "ingrata". Se afastam da experiência de amor, criando o amor irrealizável por ingratidão, não correspondência, infidelidade, e outras escapatorias assim. Castro Alves, que mais tarde e com outro vigor, se queixará da Trinei Murri (e notar a masculina propensão dele pelas artistas, que por maior liberalidade de vida, são mais fáceis de se realizar em amor...) — Castro Alves rapazola, também não escapou do tema do amar sem ser amado (v. *Martírio, Noite de Amor*). No engraçado *Cansaço*, se percebe o menino que está fugindo do amor:

Pois eu sou como o nauta... Após a luta
Meu amor dorme languido no peito.
Cansado... talvez morto, dorme e dorme
Da indiferença no gelado leito.

.....

E que durma... E que durma... Oh virgem santa,
Que criou sempre pura a fantasia,
Só a ti é que eu quero que te sentes
Ao meu lado na última agonia.

Porém mesmo isso é mínimo nele e perderá cedo porque na verdade não hesitou no amor. No *Amemos* êle fala em ter medo, e apesar da palavra vir como rima de "segrêdo", é expressiva, cai muito bem como detalhe psicológico. É o único medo possível pros que não têm medo de amor: aquele caótico paroxismo sensual em que o gôso verdadeiro do amor se obumbra na ânsia dum temperamento caudaloso por demais. Que treme, não de timidez, mas de impaciência, incapaz de esperar:

Ah! fôra belo unidos em segrêdo,
Juntos, bem juntos... tremulos, de medo
De quem entra no céu;
Desmanchar teus cabelos *delirante*
Beijar teu colo... Oh! vamos minha amante,

Abre-me o seio teu!

Casimiro de Abreu, que aliás preferia a tremedeira por timidez, uma feita descreveu êsse tremor de ansiedade, que Castro Alves tão bem expressou.

É nos *Segredos*, quando galopa:

Trememos de medo... a boca emudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os lábios se tocam no ardor da paixão!

Dois passos por onde a gente percebe que os nossos românticos quando queriam, eram bem realistas e expressivos... (1).

Mas Casimiro preferia tremer por timidez. Na *Pobre criança que te afliges tanto...*, escolhendo adorar a amada como se adora a Deus, êle reconhece:

Não serei triste; si te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar....;

em *Quando?* é a Maria que êle se compraz de vêr tremendo:

Como tremias, oh vidal
Si em mim os olhos fitavas!

(1) Alvares de Azevedo (II, 270) também toca, muito mais inexpressivamente na mesma tecla:

Desmaio-me de amor, descoro e tremo...
Morno suor me banha o peito langue...
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os lábios sedentos.

Aliás, todo êsse poema da *Minha Amante* é tão fraco, tão inventado como essa estrofe pálida. Incontestavelmente o poeta vivera muito pouco o amor. Em todo caso, é curioso observar os elementos novos que o poeta acrescenta a êsse estado psicológico. São todos fortemente... fracos, pouco masculinos. O poeta descora, desmaia, súa; e sente o peito "langue".

pra finalmente no *Baile* espesinhar a própria timidez, fazendo dela um dos argumentos da amada pra não gostar dele. Ela está falando:

Tremia quando falava
E — pobre tonto — chamava
O baile "alegrias falsas"
Eu gosto mais dessas falas
Que me murmuram nas salas
No ritornello das valsas.

Alvares de Azevedo, que foi quem mais realmente sentiu e versou o amor e medo, a não ser na passagem citada atrás, raríssimo se confessou tremendo de amor. Minha convicção é que o paulista não teve apenas temor, mas uma verdadeira fobia do amor sexual. Não é como os outros, nos quais o assunto, por isso mesmo que mais temático, mais assunto poético que realmente sentido, não teve dúvida em se confessar com franqueza. Alvares de Azevedo sequestrou o seu medo de amor. E disso vem o tema do amor e medo se manifestar nele numerosíssimas vezes, mas sempre camuflado, inconsciente. Assim: como que numa transposição do medo dele á amada, si êle jamais confessa tremer de medo, como os que já citei (e ainda Varela numa estrofe das *Estancias*, em que reconhece que a amada tem um não-sei-quê de grande e imaculado que o faz estremecer...), é repetidamente grato a Alvares de Azevedo reconhecer que a amada treme.

Porque, palida inocencia,
Os olhos teus em dormência
A medo lançás em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

Nas *Saudades*, a imagem da estrêla faz êle sentir que a alma da amada está tremendo:

Eu sentia a tremer e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma inocentinha...
E uma furtiva lagrima rolando
Da face dela humidecer a minha!

ao que ajunta ainda o tremer das mãos dela, nas estrofes do *Quando falo contigo*...:

Oh! nunca em fogo o teu ardente seio
A meu peito juntei que amor deffinha!
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Mas deixemos duma vez os tremores, e voltemos a estudar Castro Alves. Ainda tem uma vez em que êle falou de amor e medo. É no *Meu Segrêdo*, onde veremos mais uma vez "segrêdo" rimar com "medo". Mas não faz mal, a estrofe é muito mais viva que a da *Minha Amante*, do Alvares descrevendo identica situação:

Uma noite tentei fechar as palpebras,
Debalde revolvi-me sobre o leito...
A alma adejava em fantasias de ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que eu seguia? É meu segrêdo!
Seu nome? Não o digo... tenho medo.

.....
E si um dia entre as scismas de tua alma,
Minha imagem passar um só momento,
Fita meus olhos, vê como êles falam
Do amor que eu te votei no esquecimento!
Recorda-te do moço que em segrêdo
Fez-te a fada gentil dum sonho ledo...

.....
Sagra ao menos uma hora em tua vida
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,
Que em teus olhos, febril e delirante,
Bebeu de amor a inspiração primeira,
Mas que de um desengano teve medo
E guardou dentro d'alma o seu segrêdo!

Está se vendo pra que aspêto novo se desvia o medo de amor agora. É, não medo de amar, porém de encontrar o desengano, a ingratidão da amada — o mesmo medo de amor que Juvenal Galeno pleiteou no *Medroso de Amor*:

Moreninha, vai-te embora!...
 Com teus enganos maltratas;
 Eu fui martir das ingratas
 Quando amei... Oh, vai-te embora!
 Hoje fujo das mulheres
 Com medo das insensatas!

E não descubro outro aspéto, pelo qual o amor e medo se tenha manifestado na obra de Castro Alves.

Pra terminar também com Casimiro de Abreu que, como já vimos, desviava o amor e medo pro perigo dele "machucar com o dedo impuro as pobres flores da grinalda virgem", a verdade é que sofreu muito pouco o medo de amar, embora tenha dado numerosas frases referíveis a êle e inventado o título apropriado a êsse estado-de-alma juvenil. Ramalho Ortigão, também impressionado por êsse título, descobriu que no poema "a timidez adorável, que é sempre inseparável do amor impetuoso em tenros anos, está retratada com invejáveis tintas"... Não me parece. Casimiro de Abreu desvia o tema, pra se comprazer em quasi todas as lindas estrofes do *Amor e Medo*, em descrever com bastante vivacidade o que sucederia prá virgem si. O lado mais exato e gracioso de Casimiro de Abreu manifestar algum medo de amor, está numa tal ou qual preferência do sonho sobre a realidade. Por três vezes ao menos, nas *Primaveras*, refere visões de mulheres que ama, ou que amaria si fossem realidade. Na *Ilusão*:

Julgo vêr sobre o mar sossegado
 Um navio nas sombras fugindo,
 E na pôpa êsse rosto adorado
 Entre prantos p'ra mim se sorrindo.

Como se vê, também nesse passo a amada "chora e ri".
 E desaparece. Mas:

E depois... quando a Lua ilumina
 O horizonte com luz prateada,
 Julgo vêr essa fronte divina
 Sobre as vagas scismando, inclinada.

Nos *Desejos* também descreve pormenorizadamente uma "mulher formosa" que me aparece em visão", pra dar a defi-

nitiva fôrma dessa constância nas estrofes da *Visão*, em que conta amores apenas iniciados num baile, trocã dum olhar, ela acompanhando ao piano a lira simbólica do poeta, pra nunca aparecer mais, mesmo que um sonho.

Quanto a Fagundes Varela, ainda em duas páginas fala em medo de amor. No *Diário de Lazaro*, assim que casa com Lucilla, a felicidade é tamanha, que êle se volta pra Deus, atemorizado:

Meu Deus! Senhor Meu Deus! eu tenho medo
 Desta dita infavel que derramas
 Sobre minha existência em alma dias,
 Em noites sem igusis! Sim, quasi sempre
 No romance da vida a desventura,
 Os desastres cruentos se anunciam
 Por um sublime prólogo!...

O medo de amar aqui se resume a um receio, a um presentimento da visita de Nemesis. Mas na *Juvenilia* que aliás respira todinha amor e medo, do mais delicado e tenue, encontramos no poema setimo, uma das expressões mais nitidas do medo de amar. Não me furto a citar êsse poema lindo, a que deturpa só uma impropriedade ("Soberba criatura"). Varela foi, dentre os grandes românticos, o que mais intimamente amou e sentiu a natureza. Castro Alves, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, a bem dizer pouco a sentiram. Gonçalves Dias deixou, inspiradas por ela, uma ou outra rara página bonita e mais numerosas mornidões. Varela tinha a obsessão da natureza, a que aliás, com a beleza sonora um pouco assurdada do seu verso, êle dá um polido de oliogravura, em que setenta por cento das vezes a gente encontra uma eterna e irritante cascata. Mas nesse poema setimo êle funde e confunde vigorosamente a natureza com a mulher amada:

Ah! quando face a face te contemplo,
 E me queimo na luz do teu olhar,
 E no mar de tua alma afogo a minha,
 e escuto-te falar:

Quando bebo teu halito mais puro
 Que o bafejo infavel das caferas,
 E miro os roseos labios que aviventam
 Imortais primaveras,

Tenho medo de ti... Sim, tenho medo
 Porque pressinto as garras da loucura,
 E me arrefeço aos gelos do ateísmo,
 Soberba criatura!

Oh eu te adoro como adoro a noite
 Por alto mar, sem luz, sem claridade,
 Entre as resregas do tufão bravo
 Vingando a imensidade!

Como adoro as florestas primitivas,
 Que aos céus levantam pereneis folhagens,
 Onde se embalam nos coqueiros prêsas
 As rêdes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,
 O misterio do abismo e a paz dos ermos,
 E a poeira de mundos que prateia
 ---A abobada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e belo,
 Tudo o que traz de Deus o nome escrito!
 Como a vida sem fim que além me espera
 No seio do infinito!

Não é admirável? E temos aí o tema do amor e medo, sem desvio, na sua mais exata realidade da psicologia do moço. Varela faz da amada um dos elementos furiosos da natureza e tem medo que a tempestade, o furacão, o mato virgem, o deserto, vençam êle na luta.

Chegamos a Gonçalves Dias. Gonçalves Dias versou pouco o medo de amor, porém, nas igualmente admiráveis estâncias do *Ainda uma vez, Adeus!* dá mais um aspêto do tema. O poeta ama e é amado, porém sacrifica o seu amor porque um motivo qualquer, posição social provavelmente, o induz a isso:

... mas devera
 Expôr-te em pública praça,
 Como um alvo á populaça,
 Um alvo aos dilerios seus!
 Devera, sim; mas pensava
 Que de mim te esquecerias...

Mas agora êle percebe que, apesar de ser de outro e pra sempre, ela também não se esqueceu d'êle. E pede perdão:

"Ela é feliz (me dizia),
 Seu descanso é obra minha".
 Negou-me a sorte mesquinha...
 Perdôa que me enganei!

Doi-te de mim, que te imploro
 Perdão a teus pés curvado;
 Perdão! de não ter ousado
 Viver contente e feliz!

Perdão da minha miseria,
 Da dôr que me rala o peito,
 E si do mal que te hei feito,
 Também do mal que me fiz!

É a modalidade nova, com que o grande poeta entra vigoroso nesse jôgo-floral da timidez. Os medos o assaltaram, não "ousou" sacrificar nada, preferiu amar em silêncio, pois que assim já fizera, e tudo se passára tão bem, nas estrofes da *Como eu te amo*. Nesta poesia, a amada só saberá do grande amor do poeta, D'Arvers, depois da vida, quando estiver in-s sexuada e angelica, nos lugares "onde a luz nunca falece".

Si chamo a atenção pra êste consôlo de amor dentro da morte, é porque Gonçalves Dias tem uma filosofia pessimista do amor, bem wagneriana, pra não dizer shopenhaueriana. E parece mesmo ser êsse o lado por onde o medo de amor melhor aparece na obra dele. Acha frequentissimamente que a mulher é infiel (*Poesias*, Garnier: I, 60, 61, 69, 75, 93, 107, 167, 184, 188, 190, 199, 205, 230, 237, 256; II, 46, 64), mas si acaso ela corresponde sinceramente ao amor, em vez de preferir que êste se realize, deseja, ou acha preferível morrer de amor. Ninguém ignora o entusiasmo dionisiado com que êle provou que "se morre de amor". Amar é...

...ser no mesmo ponto
 O ditoso e o miserimo dos entes:
 Isso é amor, c' dêsse amor se morre!

Na *Analia* o poeta diz para a amada:

Não sabes! por te amar daria a vida,
Até a gota extrema que em meu peito,
Que inda em meu coração girar sentisse;
E quando a própria vida me faltára,
Minha alma, e o que me espera além da morte
Daria por te amar.

É bem já uma concepção ansiosa de aniquilamento, dita com vigor, a gente percebe que o poeta não está apenas fazendo madrigal. É uma concepção intimamente dêle. E de fato, si ainda morre por amar nos versos do *Protesto* e dos *Olhos Verdes*: a morte de amor lhe percorre toda a parte mais consciente, mais conceptiva da ficção, o teatro, ruim teatro (1).

No drama *Patkull* o alquimista pede apenas a Namry que diga que o ama e só por isso dará a vida bendizendo o nome dela. Muito mais tipicamente ainda, quando Patkull vence definitivamente o amor de Namry, eis só o que almeja: "Eu quisera morrer aqui nos teus braços, deixando no teu peito meu último suspiro, e gravando na memória o teu nome inter-cortado, que acabar não poderia".

Na *Leonor de Mendonça*, Alcoforado renuncia a qualquer possibilidade de conquista da duquesa, e quer partir prá guerra da África, só p'ra morrer de amor. Recusa as cartas de proteção do duque, porque elas lhe podem dar postos bons e êle quer é posto perigoso, de morte certa. Também não pretende alcançar nome e glórias belicosas que conquistem a amada pra êle, quer mais exclusivamente morrer de amor. É a renúncia, a ânsia de aniquilamento. É tanto mais típica para o nosso tema do medo de amor que, por se considerar um morto-vivo, o que vai partir e não voltará mais nunca, êle se predispõe a (ia dizer: sente coragem pra...) confessar à duquesa o seu amor.

Ainda na *Beatriz Censi*, no dueto de amor do segundo ato, temos antecipadamente o segundo ato do *Tristão e Isolda*, neste passo: "Tua voz, Beatriz! (...) Oh! ouvi-la uma vez, sômen-

(1) *Macario*: "...e por que não se morre de amor! (...) Seria tão doce inanir e morrer sobre o seio da amante enlanguescida! no respirar indolente do seu colo confundir um último suspiro!"; *Penseroso*: "Amar de joelhos, ousando a medo nos sonhos roçar de leve num beijo os cílios dela, ou suas tranças de veludo! ousando a medo suspirar seu nome!"; *Macario*: "Morrer numa noite de amor! Rafael no seio da sua Fornarina... nos lábios perfumados da italiana, adormecer sonolento... dormir e não acordar!".

te uma vez! ouvir-lhe os acentos de branda ternura, que o coração derrama nos lábios, e depois morrer! Certo, minha doce Beatriz, que o instante em que me disseste — eu te amo — foi o melhor instante de me cravarem um punhal no coração! Doce me seria viver contigo, só contigo; porém mais doce — oh mil vezes mais doce — morrer aqui a teu lado, em teus braços..."

É pra mostrar que o tema medroso do morrer no amor percorre toda a obra dramática de Gonçalves Dias, temos no *Boabdil*, o mais sucinto e firme *Tristão e Isolda*, naquela frase de Aben-Hamet (que aliás já fôra prá guerra, como Alcoforado; só pra morrer de amor...) quando Zoraima lhe cai nos braços: "Allá! porque não me fulminas neste momento!"

Assim, na concepção pessimista que Gonçalves Dias tem do amor, êle foge sintomaticamente da realização, não quer a "minha amante enfim" de Castro Alves. Aspira morrer amado e amado, no instante apenas do reconhecimento mútuo de amor, na evitação sistemática daquilo que o inglês da anedota achava que era dispendioso como gasto, instantaneo como prazer, e ridículo como atitude.

Alvares de Azevedo. Cheguei ao ponto culminante do tema do amor e medo, que até rima com o nome do poeta. Já disse: Alvares de Azevedo foi o que parece ter realmente sofrido dos pavores juvenis do ato sexual. A educação dele foi excessivamente entre sáias, o que já é prejudicial pro desenvolvimento masculino dos rapazes. (1).

(1) O livro sobre Alvares de Azevedo e Manuel Antonio de Almeida, publicado por Luís Felipe Vieira Souto, contemporaneamente a este meu estudo — (*Dois Românticos Brasileiros*, Bol. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, 1931) — traz contribuição importante ao meu assunto. Ai ressaltam a feminilidade adquirida na educação entre sáias, como o amor deslumbrante de Alvares de Azevedo pela irmã. É típica de tudo isso, principalmente a anedota de 1851, em que êle se vingou dum namorado de Maria Luísa, ao mesmo tempo que a espezinha num ato de ciúme. "Nesta época, o seu genio alegre começa a sofrer modificações, apesar de brilhar de vez em quando a veia satírica, tal como em um baile do Carnaval do ano de 1851, em que, apresentou-se fantasiado de mulher, a intrigar ministro europeu aqui acreditado e pretendente á mão de uma das suas irmãs: Mariana Luísa. Neste baile o ministro apaixonou-se pela mascarada e, crendo a dama de costumes faceis, proporcionou-lhe bellissima cêia, á espera de maiores favores. Alvares de Azevedo continúa representando seu papel feminino até que alta madrugada, os dois a sós... desvendam o mysterio". Ao que se poderá juntar as conversas mais ou menos entendidas do poeta sobre crivos

A mãe teve por êle uma adoração muito infeliz; e o outro grande estímulo familiar do poeta foi a maná Maria Luísa.

Como também disse decorre o tema de amor e medo, saliente de passagem que todos os nossos grandes românticos amaram intensamente mãe e irmã e falaram muito nelas. Bem sintomático: Castro Alves não. Ele, que foi o mais sexuado do grupo, quasi ignora nos versos, o que nos outros poetas é uma constância. Se lembra da mãe (mãe dum amigo) em versos chochos. Se lembra da irmã, só pra gostar do piano dela, ou, na *Mocidade e Morte*, pedindo pra ela consolar o pai, quando o poeta morrer. Pelo contrário, Junqueira Freire, que também amou muito mãe e irmã, detestava o pai, o "Sr. José Vicente", desfalquista e vadio. Varela, reproduzindo o Casimiro de Abreu dos *Meus Oito Anos*, no poema oitavo da *Juventude*, também evoca as delícias de ter mãe e irmã. Gonçalves Dias também versa por várias vezes o tema, e dedicou à maná um dos seus mais belos poemas, as *Saudades*. Tanto neste, como no "Lá, bem longe daqui...", em que celebra a morte da irmã dum amigo, deixou expressões sentidas sobre a felicidade de ter irmã. É curioso lembrar ainda que na *Mendiga* êle faz imagem com irmão e irmã:

... Uma tristeza
Simpática, indizível, pouco a pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enferma e chora.

Ainda Casimiro de Abreu, e mais tipicamente, maneja o tema por várias vezes.

De minha mãe as carícias,
E beijos de minha irmã,

todos se lembram disso. Na *Poesia e Amor* acha:

e bordados; as preocupações com tualétes femininas, principalmente a bonita descrição do vestido da condessa de Iguassú; e o profundo desafervor sexual com que, além de se confessar "panteísta", na contemplação da moça bonita, insultou de bêstas chucras as moças piratinianas. Tudo isso está nas cartas reveladas por Vieira Souto.

Os grossos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes da irmã...

pra *No Lar*, em duas estâncias seguidas, inda evocar mãe e irmã sempre fundidas...

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! maná!...

com desperdício de interjeições.

Mas é sempre, e agora sintomaticamente; Alvares de Azevedo o que evoca e versa o tema de mãe e irmã numa quasi obsessão. Um dos momentos esplendidos do *Macario*, a coisa mais genial que o poeta criou, é quando o estudante escuta um êi, e pergunta de quem é.

Satan: — De certo que não é por mim... Insensato! não adivinhas que essa voz era de tua mãe, que essa oração era por ti?

Macario: — Minha mãe! minha mãe!

Satan: — Pelas tripas de Alexandre Borgia, choras como uma criança!

Macario: — Minha mãe! minha mãe!

Satan: — Então... ficas aí?

Macario: — Vai-te, vai-te, Satan! Em nome de Deus! em nome de minha mãe! eu te digo: Vai-te.

Nas *Ideas Intimas*, talvez o que fez de maior como poesia, diz que venera igualmente pai e mãe, mas é certo que essa igualação é puramente bem educada e artificial. A mãe é que o obseca furiosamente. E variadamente. A mãe êle dedica a *Lira dos Vinte Anos*, e o faz em versos de grande importância psicológica, indicando que o livro oferecido é a volta do poeta ao seio materno, pela imagem da árvore cujas flores esfolhadas tombam sobre o chão que deu vida a ela. Essa aspiração de retorno ao seio materno me parece fundamentalmente característica da materia psicológica de Alvares de Azevedo. Complexo de Edipo, dirão os psicanalistas... Mas a mãe de Alvares de Azevedo entrou também no jogo muito... Talvez

menos inocentemente do que era licito esperar daquele tempo discreto, Joaquim Norberto de Sousa e Silva acha que "mãe e filho eram vítimas dos seus tão puros amores" (I, 45).

Ninguém ignora o importante caso da cama. A mãe de Alvares de Azevedo tivera um pesadelo em que vira o filho morrendo na própria cama dela. Todos os interessados em psicologia hão-de naturalmente reconhecer a importância dum detalhe exquisitíssimo: ela relata ao filho o pesadelo que teve! É o que afirma Jacó Monteiro. E menos de três meses depois, quando o filho adoece pra morrer, ela lhe oferece a própria cama, afirmando ainda Jacó Monteiro (e é psicologicamente aceitável este esquecimento *em consciência*) que ela estava completamente esquecida do que sonhára.

Alvares de Azevedo recusa no momento, pra dias depois pedir o leite da mãe, onde morre.

Não me parece possível, diante de certas noções contemporâneas de psicologia, aceitar como simples dados de sentimentalismo romântico os pormenores que dei dêsse caso. Tanto mais ajuntando-se a isso a dedicatória da *Lira dos Vinte Anos*. Aceitemos lealmente, com Joaquim Norberto, que tanto a mãe como o filho, foram vítimas de seus puríssimos amores.

Ainda tem mais. Nos *Boêmios*, com bastante mau-gosto, encontramos a idéia do feto fazendo imagem:

... na minha mente

Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff: eu sinto no meu crânio,
Como em seio de mãe, um feto vivo...

Essa imagem do feto, que foi Alvares de Azevedo, creio, o único a sentir dentre os nossos grandes românticos, inda lhe volta no *Macario* (III, 310).

Na descrição dos amores sexuais, Alvares de Azevedo ainda encontra repetidamente imagens de maternidade. Tanto no *Poema do Frade*, como na *Glória Moribunda*, a amante embala ao colo o rapaz morto. E, ainda no *Poema do Frade*, os versos dizem:

Dorme ao colo do amor, palido amante,
Repousa, sonhador, nos seios dela,
Qual em seio de mãe, febril infante!

para repetir em seguida (I, ps. 289 e 363), e com mais vigôr, a mesmíssima idéia:

Ai!... todos vos sonhei, candidos seios,
Onde amor pranteára delirante...
Onde gemera em derretido enleio,
Como em seios de mãe, sedento infante...

A imagem lhe foi tão grata, que a decorou e repetiu, plagiando-se... E noutro passo (II, 91), chama a amante fundadamente de mãe e irmã. E si pedindo perdão ao Imperador pra Pedro Ivo, acha de pedir "por vossa mãe", o que aliás pôde ser tomado apenas como lugar-comum, faz Bocage (I, 237) acabar amaldiçoando a mãe, em versos cujo teor importa psicologicamente muito:

Maldita minha mãe, que, entre os joelhos
Não soubeste apertar, quando eu nascia.
O meu corpo infantil! Maldital...

Nas razões que Penseroso alega pra que "se acorde o coração de Macario" (III, 314), vêm fundidos o "amor de tua mãe, as lágrimas do teu amor". Sintomaticamente: num segundo poema dedicado *A Minha Mãe*, evoca esta como nas "Madonas com a Criança", dos pintores:

És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

E, maior sonetista que foi dentre os nossos românticos, quando num soneto pede a morte pra si "trovador sem crença", inda tem umas derradeiras palavras pedindo perdão à mãe "que ele ama ainda".

Por tudo isso percebe-se que o amor pela mãe era, si não anormal, pelo menos absolutamente excessivo e obsecante em Alvares de Azevedo. É o seu delírio, a sua maior elevação consciente, o seu maior gôso inconsciente, a razão mais importante da sua inexperiente rapazice. É curioso mesmo notar

que chama á avó de "mãe de minha mãe" (III, 319), demonstrando bem que o que predomina nele é o amor pela mãe. A proteção que a mãe concede aos filhos inda fracos de vida, vem na *Noite na Taverna*, "que pela noite da desgraça amor insano de mãe consentiria que lhe sufocassem sobre o seio a criatura do seu sangue, o filho da sua vida, a esperança das suas esperanças?" (III, 394)

Também a irmã o preocupou muito. No último conto da *Noite na Taverna*, admirável de urdidura romântica, o caso se passa entre irmãos: a irmã profanada pelo irmão, que ainda mata por isso outro irmão; de tudo ressaltando muito bem, e com violenta sensualidade, a esplendidez do ente irmã.

Também confunde irmã e amada (II, 34); e ajunta mãe e irmã por várias vezes ainda (I, 267, 269; II, 160; III, 406).

Numa outra feita (III, 260) é bem tendenciosa a pergunta que o Desconhecido faz pra Macario: "Falas como um descerido, como um saciado! *El contudo ainda tens os beijos de criança!* Quantos seios de mulher beijaste além do seio de tua ama de leite? Quantos lábios além dos de tua irmã?"

De forma que o nosso Macario faz o Desconhecido dizer do Macario que este fala *como si fosse* um saciado, mas tendo ainda os *beijos de criança*.

Essa foi, a meu vêr, a maior causa que levou Alvares de Azevedo ao medo de amor. Ficou tímido, ao mesmo tempo que o amor sexual lhe repugnava.

No Cap. IX da parte III do *Livro de Fra Gondicario* isso está bem indicado: "Porque maldizê-las, essas miseras (prostitutas), a quem a *timidez de vosso coração, ou o orgulho de vossa alma* de poeta..." etc. Já falei que Alvares de Azevedo alardeava de desabusado em amor; mas Satan (III, 300), numa frase extremamente pessimista e respeitosa, acha que não tem nada de "mais sério e mais risível" que o amor. E por o poeta se falsificar de extremamente vivido em prazeres amorosos, o tema da amada ingrata ou infiel, do "amar sem ser amado", não se ajeita á teatralização que faz de si próprio. Mesmo na tão temática *Lira dos Vinte Anos* o amar sem ser amado aparece raro. Vem nas bonitas estancias do "Fui um doudo a sonhar tantos amores..." na *Porque Mentias?* e pouco mais. Sem dúvida o amor não realizado é constante no poeta; e pôde-se dizer que a única tecla de amor que êle sabe repetir

nos seus vinte anos, porém não se realiza por causas obscuras, por causas que o poeta não diz claro, como é o caso das *Saudades*, e da "virgem que sonhou" na *Lembrança de Morrer*. Muito expressivo disso é aquele passo francamente extravagante, pra não dizer amalucado, do *Macario*, em que Penseroso faz uma gritaria danada porque a Italiana não o ama, quando ela está falando que ama sim. Mas é sempre o estragoso amor e medo que faz a personagem fugir do amor... — Te amo, Penseroso! — Qual! não me amas não! Penseroso *prefere* amar sozinho, que não tem perigo nem fantasmas de derrotas ou precariedades de qualquer especie. Era o aspêto mais lamentável do amor, porém menos doloroso prás dúvidas e hesitações do rapaz.

Mais outra vez em que Alvares de Azevedo tange o amar sem ser amado, é no *Poema do Frade*, em que descreve a "estátua" numa posição importantíssima pro medo de amor: dormindo. Foi êsse o jeito que o rapaz descobriu pra disfarçar seu medo e evitar a coreografia do amor: durmamos! O sono é a mais original invenção do seu lirismo. Adora dormir. No *Spleen e Charutos* diz prá amada:

Amo-te como o vinho e como o sono!

coisa que repete no *Conde Lopo* e no *Poema do Frade*:

Amar, beber, dormir, eis o que amava.

Nas *Idéas Intimas* considera o seu "leito juvenil" como a "página de ouro da sua vida", e evoca os atos de amor que nele praticou... em sonho:

Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais trêmulo que Faust, eu não beijava...
Mais feliz que Don Juan e Lovelace,
Não apertei ao peito desmaiando!
..... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travessero

Na *Anima mea*:

... Um momento dormir, sonhar um pouco!
 Ninguém que turve os sonhos do mancebo,
 Ninguém que o indolente adormecido
 Roube das ilusões que o acalencam
 E do mole dormir o chame á vida!
 E é tão doce dormir! É tão suave
 Da modorra no colo embalsamado...
 certamente
 Que são anjos de Deus que aos seios tomam
 A frente do poeta que descansa!

Grifei as imagens maternas que também neste passo frequentam o desejo do poeta. E se observe como frequentísimamente, em quasi todas estas citações, êle está expressivamente indolente, entregue, sem nenhuma iniciativa, sem atividade. Ainda no *Desalento*:

Ah! feliz quem dormiu no colo ardente
 Da huri dos amores,
 Que sofrago bebeu o orvalho santo
 Das perfumadas flores...

Ainda no *Livro de Fra Gondicario* repete o desejo de dormir no colo. O sono que tanto aspira, não é pra êle apenas o momento para, libertado dos perigos do amor, sonhar os atos do amor; também sabe apreciar o sono sem sonho, o sono que é ignorância da vida, como está na simbologia de *Cantiga*. Mas ainda aspira dormir filialmente no colo da amada. Arnold (III, 418), numa trapalhada que é preciso lêr, pra se observar bem o quanto os sentimentos naturais de Alvares de Azevedo se sobrepujam ao que êle inventava apenas com a inteligência, pedindo pra Giorgia que lhe sente nos joelhos, que deite a cabeça no ombro dele, o que quer é passar uma hora no seio dela, derramar lagrimas no colo dela, e confessar-se, fazer confidências, contar como profanou a alma e o passado, contar filialmente ou fraternalmente tudo. Mais que o prazer ativo do amor, o que Alvares de Azevedo aspira é dormir, mas dormir de verdade, passivamente, no seio da amante. Dormir de verdade e até morrer, como na nota, atrás, em que Macário fala em morrer de amor.

O Conde Lopo quando abre o coração ao moço suicida que salvou, evoca as "dormidas horas com mulher"; Gennaro (III, 396), tem coragem de profanar Laura porque, acordando

do sono, a encontra na cama dele; o primeiro capítulo dos *Lábios e Sangue*, publicado na *Revista Nova* (ano 1.º, n. 8), evoca Byron e os aromas (!) de Veneza, em que o "poeta-rei foi adormecido por teus aromas, com a fronte caída nos joelhos dessa mulher bela". O amante dormido frequenta ainda outras páginas desse romance, que não cito mais pra não tirar os direitos justos de Homero Pires que possui o inédito.

Em *Minha Estrêla*, o califa é pintado "adormecendo nos braços voluptuosos da estrangeira"; e ainda no *Poema do Frade*, o poeta aspira voluptosamente "dormir com a loura peito a peito".

Porém a mais bonita e mais medrosa criação que Alvares de Azevedo inventa, nesse desvio do amor e medo pro dormir no amor, não está na aspiração ao sono, ou na imagem do rapaz adormecido: está sim na imagem da amante dormida. Que libertação! O poeta pôde gosar o seu amor, junto com a amada e ao mesmo tempo sozinho, fugido dos pavores que o perseguem. Muito provavelmente Alvares de Azevedo encontrou a imagem em Musset. É certo que *Rolla* causara impressão enorme no paulista. Fez do poema um estudo crítico; traduziu em verso algumas passagens dele, e justo a em que *Rolla* encontra Marion dormida.

A imagem da amada dormindo pôde-se dizer que é toda a obra de Alvares de Azevedo, tão abundantemente frequenta qualquer criação dele.

Uma poesia êle dedica exclusivamente a essa imagem (II, 36):

Dorme, oh anjo de amor! no teu silêncio
 O meu peito se afoga de ternura...
 E sinto que o porvir não vale um beijo!

Noutro poema só pede que a amada durma no seio dele (II, 47):

E consentiras, oh virgem dos amores,
 Descansar-me no seio um só momento!

E faz ainda o mesmo na *Cantiga do Sertanejo*:

Si viesses inocente
Adormecer docemente.
A noite no peito meu!

bem como na *Tarde de Verão*, e ainda em *C.* (II, 98):

Minha noiva, ou minha amante,
Vem dormir no peito meu!

Se compraz em descrever a amante dormindo:

... ah! não ressona
Uma virgem de Deus com tal pureza!
Era um lago a dormir... (I, 356);

e em mais sete estrofes seguidas do mesmo *Poema do Frade*:

Ela dorme. Silêncio! oh noite bela!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabelos da languida donzelal

pra criar uma joia de lirismo e timidez ("não te rias de mim"...), com o soneto "*Palida, á luz da lampada sombria...*"

As mulheres que encontra pra amar, encontra dormindo:

Era tão bela assim... e ela dormia! (I, 294);
Candida e bela mulher aí dormia (I, 298);
Vem comigo, mancebo, aqui sentemo-nos...
Ela dorme. (II, 334);

e ainda em II, 62, 114, 174, 201, 231, 249.

Então acalantos pra amante dormida, como no *Conde Lopo* (p. 27); lhe pede que acorde (II, 15, 18) ousado; inventa que ela dorme de olhos abertos, pra estar mais proxima da vida (II, 15); gosta de charuto porque elle revela a "morena adormecida" (I, 310); faz a confusão da dormida e da morta (II, 121; *Conde Lopo*, 118); invoca as "donzelas dormidas per cem anos" (II, 216); almeja, para total aniquilamento e paz,

que ambos durmam (I, 225; II, 81); e (II, 39) tem a invenção verdadeiramente requintada do sequestro, quando imagina que elle dormindo sonha com ela dormindo!

Sem contar que deseja ser a cruz com que ella dorme, o travesseiro sobre que ella repousa (II, 236)! E, pois que ella está dormida, é fácil pra elle beijá-la sem temores (II, 76, 37, 10), ou com temores, como na nota atrás sobre o morrer de amor; enquanto Macario (III, 317) quer vê-la e beijá-la de leve, embora fosse adormecida! Detalhe tanto mais importante pro amor e medo, que o poeta concebe possuir a amante dormida.

De fato Solfieri (que aliás já deixou a condessa Barbara adormecida!...) quando ronba o cadaver da igreja e quer saciar-se nele, na verdade está possuindo uma bella adormecida, pois que a moça fôra apenas tomada dum sono cataleptico; e noutro conto da mesma *Noite na Taverna*, Hermann também encontra a duquesa Eleonora dormindo e p'ra possuí-la inda lhe dá um narcotico! É o climax do sequestro: o medo de amor inventa a idéia de possuir a bella adormecida.

E nem escapou a Alvares de Azevedo o confessar inadvertidamente que era bem o medo de amor que lhe fazia inventar a imagem da amante dormida.

Em duas passagens. Nos *Pensamentos Dela*, o amor e medo é pegado em plena ação de criar a imagem.

Destaco trechos:

Tu sorrias de mim porque não ousa
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura;

.....
Pre tiro amar-te bella no segrêdo!
Si fôras minha tu verias cedo
Morrer tua ilusão!

.....
Oh! nunca possas lêr do meu penar
As páginas ardentes!
Si em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Como as rosas que amava Anacreonte,
É que alma dormida palpitando...
No raio dos teus olhos se illumina...

Mas quando o teu amante forse espôso.
 E tu, sequiosa e languida de amor,
 O embalasses ao seio voluptuoso
 E o beijasses dos labios no calor,
 Quando tremesses mais, não te doera
 Sentir que nesse peito que vivera
 Murchou a vida em flor!

E na Teresa afirma definitivamente:

Não acordes tão cedo! enquanto dormes
 Eu posso dar-te beijos em segredo...
 Mas quando nos teus olhos raia a vida,
 Não ouse te fitar... eu tenho medo! (1).

Creio ter demonstrado pelos seus lados varios, o sambinha de sequestro que o amor e medo saracoteou na excessiva mocidade dos nossos maiores poetas românticos. Todos o sofreram no espírito e o venceram com maior ou menor facilidade. Menos Alvares de Azevedo, que parece não ter sofrido dele apenas no espírito, que o converteu na própria razão de ser da obra dele, e talvez da morte também. Embora lhe crescessem as esperanças, as vitórias, as felicidades, é sabido que Alvares de Azevedo foi gradativamente entristecendo, á medida que aproximava da idade do homem. Entra nos vinte e um anos e presente que vai morrer. Quer morrer, Abusa mesmo do desejo de morrer, no caso de ajuntar a sua própria data mortuaria na parede da pensão em que estavam escritos os nomes dos quintanistas mortos. Porque morrer, si tudo o predispunha á vida! Porque tamanho tédio real, que a imitação dos europeus não é suficiente pra explicar! A não ser que lhe entediasse a genialidade liberrima, tudo o que estava

(1) Varela, si não me engano, apenas tocou na amante dormida numa estrofe do *Porque te afogas*. Casimiro de Abreu versa o tema três vezes (ps. 76, 83 e 93), e beija a adormecida *Na Rêde*. Mas ainda o lado safadote dele aparece, pois que, em *Sonhando* ela, e pronunciando o nome dele, o poeta pergunta depois o que foi que ela sonhou:

Falei-te dêsse soluço
 Que os labios abriu-te a medo...
 Mas tu fugindo guardaste
 Daquelle sonho o segredo.

botando de falsificação em si mesmo e nas obras! Há várias constâncias e pormenores nos escritos de Alvares de Azevedo, que poderiam nos levar a suposições psicopatológicas que não me interessam aqui por serem apenas deste ou daquele individuo. Não têm o valor universal do tema do amor e medo, que é de todos. Mas não me assusta imaginar que em grande parte foi o medo de amor, a incapacidade que levou Macario a se morrer. E sob esse ponto-de-vista, inda a gente poderá estudar certos detalhes do pesadelo do *Conde Lopo*: a obsessão do frio, a capa que os diabinhos tiram do conde, a recusa de amar o esqueleto... vivo da prostituta, etc. Mais importante ainda é, no sonho do *Macario*, a mulher-anjo-homem assexuado que Satan explica assim: "Era um anjo. Há cinco mil anos que ela tem o corpo da mulher e o anatema duma virgindade eterna. Tem todas as sêdes, todos os apetites lascivos, mas não póde amar. Todos aqueles em que ela toca se gelam. Repousou o seu seio, roçou suas faces em muitas virgens e prostitutas, em muitos velhos e crianças, bateu em todas as portas da criação, estendeu-se em todos os leitos e com ela o silêncio... Essa estátua ambulante é quem murcha as flores, quem desfolha o outono, quem amortalha as esperanças". "Quem é?", Macario pergunta. Mas Satan muda de conversa.

